

DEPOIMENTO DO PROF. DR. JÁDER ONOFRE DE MORAIS, COMO DIRETOR DO LABOMAR (maio-1976 a maio-1987)

Cheguei ao LABOMAR na condição de **estagiário de pesquisa** em janeiro de 1967. Tinha como missão precípua preparar os primeiros estudos e projetos e resultados científicos relacionados à área de geologia marinha nesta instituição, então denominada de Estação de Biologia Marinha. Recém graduado em geologia na Universidade Federal de Pernambuco, cheguei a Fortaleza e em contato com o professor Melquíades Pinto Paiva, iniciei os trabalhos sob orientação do Prof. Paulo da Nóbrega Coutinho, pioneiro na geologia marinha brasileira, no Instituto Oceanográfico da UFPe.

O discernimento do Prof. Paiva sobre as ciências do mar, principalmente naquilo que diz respeito à integração dos conhecimentos da biologia, física, química, geologia, pesca, tecnologia pesqueira e tecnologia do pescado, foi a força propulsora para criar as chamadas Divisões técnicas-administrativas denominadas de Divisão de Oceanografia Biótica, Divisão de Oceanografia Abiótica, Divisão de Pesca e Divisão Tecnologia do Pescado.

Na Oceanografia Abiótica, iniciei pesquisas relacionadas à erosão da linha de costa de Fortaleza, ao assoreamento de área portuária do Mucuripe e das *beach rocks* do Meireles. Aprendi a fazer o *networking* com as demais divisões e senti de perto que se eu quisesse, de fato, dedicar-me aos estudos relacionados ao mar deveria me adaptar aos fluxos interativos entre estas unidades de pesquisa desta Instituição. Fui Diretor da Divisão de Oceanografia Abiótica de 1969 a 1976, período em que fizemos contatos com outras instituições de Oceanografia no país, a exemplo do então Instituto Oceanográfico da Universidade Federal de Pernambuco e o Instituto Oceanográfico da USP, Centro de Estudos Costeiros e Oceânicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Diretoria de Hidrografia de Navegação da Marinha do Brasil. Em atividades conjuntas realizamos a Operação Norte Nordeste I, e a Expedição Oceanográfica Norte - Nordeste II que permitiu a elaboração do primeiro mapa faciológico desta área geográfica de plataforma continental situada entre Recife e Cabo Orange no Amapá. Foram as primeiras

experiências vivenciadas nos embarques ao longo da costa brasileira por mim. Entendemos desde aquela época que se quiséssemos trabalhar de forma produtiva, teríamos de nos aliar em rede a outras intuições de pesquisa na área alvo, pois todas elas padeciam do mesmo mal que era a ausência de meios flutuantes que lhes permitissem fazer pesquisas em plataforma continental e mar aberto.

Participamos da idéia da criação de um programa nacional de geologia e geofísica marinha envolvendo de início quatro instituições, CECO, IOUSP, LAGEMAR, IO (Pe) e LABOMAR, denominado em princípio de Programa Executivo de Geologia e Geofísica Marinha (PGGM). Este grupo com respaldo da Marinha do Brasil, DNPM, CPRM, Petrobrás, permanece constando atualmente de 17 instituições universitárias, do qual fui coordenador por quatro anos. Associado a este grupo, o LABOMAR comandou expedições GEOMAR e GEOCOSTA, por meu intermédio. Este fato trouxe-me enorme experiência em lidar com equipamentos a bordo, entender com técnicas de geofísica marinha que me deram confiança e segurança técnica e científica para execução dos trabalhos e transferência de conhecimentos para os que, no LABOMAR, compunham nossa equipe e coordenar as comissões oceanográficas, conduzidas em associação com a marinha do Brasil.

Além disto, qualifiquei-me pela lida cotidiana de tantos trabalhos em terra e mar propiciados pelo LABOMAR, e com isto pude me matricular e concluir um curso de mestrado em Ciências da Terra e do Mar (Marine Earth Sciences) na Universidade de Londres e tornar-me o primeiro pós-graduado do LABOMAR em 1972. Em seguida consegui entrar no CNPq no nível 3C, vigente naquela época, como o inicial para mestres. Em uma das expedições GEOMAR fui até Paramaribo para delimitar a influência do Rio Amazonas no litoral norte sul-americano. Isto me despertou a curiosidade de averiguar as consequências da sedimentação do Rio Orinoco e comparar os sistemas deposicionais marinhos e fluviais. Em seguida, ao surgir o acordo entre a Fundación La Salle de Ciencias Naturales e o LABOMAR, decidi

passar 9 meses na Isla de Margarita na Venezuela na Estación de Investigaciones Marinas onde pude constatar técnicas de delimitação de progradação marinha.

As experiências passaram a seguir para acordos internacionais e a bordo de Navios do Woods Hole Oceanographic Institution / Lamont dos Estados Unidos. A bordo do navio Prof. Besnard integramos equipe do Projeto de Reconhecimento Global da Margem Continental Brasileira (Projeto REMAC). Este projeto liderado pela Petrobrás reuniu várias instituições oceanográficas brasileiras e americanas. Entre outras expedições oceanográficas, estas foram as que mais me marcaram.

Observava com atenção e admiração a disciplina, austeridade, competência e amor ao trabalho científico e administrativo do Prof. Melquíades Pinto Paiva, fundador e primeiro diretor, e por isto procurei plasmar em mim o seu exemplo e traçar o itinerário que deveria ser seguido nas minhas atitudes. Principalmente no que tange a transferência e aprimoramento do conhecimento. Melquíades lia todos os trabalhos com cada autor, ajudava a escrever os trabalhos de cada um, corrigia os trabalhos de cada um, dava idéias, apontava referências bibliográficas, discutia os artigos, refazia-os, e depois de enviar, e receber dos consultores, levava para a imprensa da UFC, e participava da edição. No entanto, não entrava em autorias ou co-autorias por isto, o que hoje em dia seria inconcebível. Trabalhava com afinco pela instituição através do aprimoramento dos que com ele perseguiam este mister. Este é o exemplo que em mim remanesce, não esmaece, e me serviu de rumo.

Foi com muita honra e senso de responsabilidade que aceitei em 1976 minha nomeação pelo Reitor Pedro Teixeira Barroso, para substituir o Prof. Paiva. Cuidei logo de escolher a equipe de pessoas já vivenciadas na instituição, que comigo completaram a administração por quase todo período de 11 anos. Antonio Aduato Fonteles Filho e depois Carlos Tassito Correa Ivo, na Divisão de Pesca; Erasmo Pitombeira na Divisão de Oceanografia Abiótica; Gustavo H. Fernandes Vieira na Divisão de Tecnologia do Pescado; Maria Ivone Mota Alves na Divisão de Oceanografia Biótica.

Uma das minhas metas era qualificação de pessoal e integração das áreas de pesquisa científica. Para isto, dois convênios internacionais foram fundamentais para o aprimoramento e formação profissional dos pesquisadores do LABOMAR, logo no início da nova administração: o convênio estabelecido com a CIDA (Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional) e o Partners of Americas com a Universidade de New Hampshire. Cerca de dez

professores cursaram o mestrado e doutorado colocando em suas dissertações e teses assuntos ligados a problemas brasileiros. Assinalam-se ainda vários contatos e projetos participativos mantidos com a França, mais especificamente com a Universidade de Nantes (mediados pelo Prof. François Ottman) com sevidores técnicos e professores concluindo doutorados na área de sedimentação marinha e fluvial foram, contatos com o CNEXO de onde partiu o Mark Kempf para projetos de fácies sedimentares na costa do Ceará. Acordo com a Alemanha onde depois de visitar a Universidade de Hamburgo, Heidelberg (intermediado por German MULLER, um dos maiores especialistas em sedimentologia do mundo no seu tempo), Professor Reineck do Senkemberg Institute em Willhelmshaven e Frankfurt, referência mundial em transporte de sedimentos, Georg Friedrich Irion e Georg Friedrich Wunderlich, desbravadores do Mar do Norte, Ilhas Frísias, Amazônia, estabelecendo os primeiros contatos que trouxeram ao Brasil a Operação Oceanográfica Joint Oceanographic Projects (JOPS 1 e JOPS) 2 em que fui chefe científico de missões oceanográficas a bordo do Navio Oceanográfico alemão Victor Hensen. Por ter concluído o doutorado na Universidade de Londres mas com a tese na área de geologia Marinha da plataforma continental do Maranhão, levamos apoio científico a Universidade Federal do Maranhão incluindo treinamento na Alemanha para técnicos e professores fazerem estágios em Willhelmshaven, participarem em conjunto das operações Geomares, o que trouxe desenvolvimento regional na oceanografia geológica do nordeste, o que me valeu o título de *Professor Honoris Causa* da Universidade Federal do Maranhão.

Vários convênios na área de pesca, biologia e tecnologia do pescado com o respaldo da então SUDEPE, SUDENE, DNOCS, Banco do Nordeste pontuaram as ações em ciência e tecnologia para o desenvolvimento sustentável, a segunda metade do meu período de Diretor do Labomar. Recebemos extraordinário apoio da Comissão Interministerial dos Recursos do Mar – CIRM promovendo o avanço em várias áreas do conhecimento no LABOMAR.

Como foi exposto até agora neste depoimento, a despeito dos afazeres administrativos como Diretor do LABOMAR, fiquei sempre participando de forma efetiva na área de pesquisa. Pois a equipe era muito boa: Dr. Walmir, como assessor, já tinha a experiência de Secretário da Agricultura; Lia, como secretária inesquecível pela eficiência e segurança no conhecimento do que fazia, Célia apesar de incipiente no seu ofício demonstrava resultados comparados aos melhores realizados; Teresinha Miranda e Rita, bibliotecárias competentes, e cada um dos diretores

de divisão em colaboração direta no planejamento e execução das tarefas, onde destaco o trabalho multifacetado de inequívoca importância do Professor Dr. Antonio Aduato Fonteles Filho. Entre os servidores, José de Oliveira Pires, que permeou com sua ajuda todas as áreas do conhecimento deixou com marcas indelévels, na minha retina gravada a imagem de colaboração permanente a todos que precisavam do seu trabalho espontâneo dedicado e correto, disponibilidade até fora do expediente normal. O Zé Pires fez trabalhos de campo no Maranhão na área de geologia em nível extremamente confiável. Assim também cito o João, Chico, Valdo, Auristélia, Leonardo, seu Amaral, o pai da Cida e muitos outros.

Na Divisão de Oceanografia Abiótica, a turma mais jovem trabalhou integrada com os mais qualificados e assim através do Monica, Eveline, Santander, Jeová Meireles, Edsard Andrade, Pedro Morais, Luis Parente, (que chegou ao Labomar ainda adolescente, e como estudante de engenharia, mudou-se para geologia por ter despertado a vocação pelas geociências marinhas), Fabio Perdigão, Michel Henry Arthau, Cidrônea (Cida, a laboratorista autodidata resplandecendo segurança no que fazia). Tivemos a colaboração de todos e a alegria de vê-los galgando com sucesso em cada tarefa, projetos, pós-graduações, posições melhores para si mesmos e para a instituição.

A Oceanografia Biológica cresceu em vários setores como o de Malacologia liderado pelo prof^o Henry Matthews que colocou o LABOMAR em destaque nacional neste ramo das ciências do mar. Com ele aprendi a mergulhar e dele obtive as primeiras observações de fotografias feitas por mergulho que constatavam a distribuição de granulados marinhos calciclásticos que indicavam presença da lagosta e que me serviu de comparação com os trabalhos de John Milliman, **expert** americano em sedimentação carbonática e com quem convivi nos tempos

do projeto REMAC. Hermínia de Holanda Lima, de maneira simples e direta me explicou o essencial para um diretor opinar em projetos da sua área de biologia marinha. Procurei acompanhar de perto o trabalho de algas da Francisca Pinheiro Joventino, importante campo de estudos correlacionado diretamente com a interação da sedimentação marinha, daí surgiu a vontade de delimitação por métodos de prospecção geofísica dos bancos de algas e cascalhos, na integração bentos/substrato marinho.

Na divisão de Pesca, vi o interesse de incrementar o sentido prático do estudo pesqueiro junto as indústrias e Tasso, Luciano Lobo, Carlos Artur (este último assim como o Luis Parente nasceu profissionalmente também no LABOMAR), colocavam seus serviços teóricos e aplicados bem como de estatísticas e depois da informática a serviço de todos os pesquisadores da instituição.

Na Tecnologia do Pescado, vi o cação ser transformado em bacalhau (tubalhou) e o trabalho voraz do Gustavo, Ogawa, Esmerino e outros mais davam propulsão ao mecanismo de impulsionar o LABOMAR no seu avanço dirigido às ações do empreendedorismo.

Hoje, no ensejo do jubileu de ouro do LABOMAR, na quietude das minhas meditações enxergo que toda aquela fase ficou em mim como testemunho de uma instituição que cresceu levada e consolidada sobretudo pelo cimento do respeito, amor, coerência, partilha, solidariedade dos que vivenciavam a própria instituição e seu desiderato.



A figura mostra a posse no gabinete do Reitor Pedro Barroso em 27 de maio de 1976. Na foto, da esquerda para direita: Reitor Pedro Barroso, Prof. Carlos Tassito, Prof. Jäder Onofre de Morais, Prof. Carlos Artur, Profa. Selene Maia de Morais (com Raquel na barriga) e o Prof. Manuel Alcides Rocha. Fonte: Jornal Tribuna do Ceará.